

Texto para Discussão

Série Economia

TD-E 15 / 2009

**Juan Bautista Alberdi: o Pensamento Econômico de um Liberal
Latino-Americano no Século XIX**

Prof. Dr. Márcio Bobik Braga



Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo

Universidade de São Paulo
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
de Ribeirão Preto

Reitora da Universidade de São Paulo
Suely Vilela

Diretor da FEA-RP/USP
Rudinei Toneto Junior

Chefe do Departamento de Administração
André Lucirton Costa

Chefe do Departamento de Contabilidade
Adriana Maria Procópio de Araújo

Chefe do Departamento de Economia
Walter Belluzzo Junior

CONSELHO EDITORIAL

Comissão de Pesquisa da FEA-RP/USP

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto
Avenida dos Bandeirantes, 3900
14049-900 Ribeirão Preto - SP

A série TEXTO PARA DISCUSSÃO tem como objetivo divulgar: i) resultados de trabalhos em desenvolvimento na FEA-RP/USP; ii) trabalhos de pesquisadores de outras instituições considerados de relevância dadas as linhas de pesquisa da instituição. A série foi subdividida em função das principais áreas de atuação da FEA-RP/USP: Economia, Administração e Contabilidade. Veja o site da CPq na Home Page da FEA-RP: www.fearp.usp.br. Informações: e-mail: cpq@fearp.usp.br

Juan Bautista Alberdi: o Pensamento Econômico de um Liberal Latino-Americano no Século XIX*

Márcio Bobik Braga**

Introdução

O que pensa um liberal latino-americano no século XIX? Neste artigo, tentaremos uma resposta com base na leitura do pensamento econômico de Juan Bautista Alberdi, um importante intelectual argentino que viveu entre 1810 e 1884. A interpretação desse pensamento será feita por meio da análise de duas obras do autor: *Bases y Puntos de Partida para la Organización Política de la República Argentina*, publicada originalmente em 1852, e *Estudios Económicos*, escrito no final da década de 1870 e publicado em 1886. A escolha dessas obras baseou-se no conteúdo econômico e no momento histórico em que foram concebidas, conforme procuraremos deixar claro ao longo do artigo. Além dessas obras, citaremos, ao transcorrer do artigo, outros importantes textos do autor.

Duas são as justificativas para considerar Alberdi na História do Pensamento Econômico Latino-Americano. Em primeiro lugar, Alberdi é um dos autores mais importantes da literatura política argentina de sua época. Junto com Domingos Faustino Sarmiento e outros nomes daquela que ficou conhecida na Argentina como Geração de 1837, seu nome está diretamente relacionado com a construção da nacionalidade de seu país. Seus trabalhos são amplamente considerados nos estudos da história e da política dos países que um dia formaram o Vice-Reinado do Rio da Prata.

Alberdi viveu uma época em que os países buscavam, depois da independência, algum tipo de projeto econômico e político de alcance nacional. Em algumas regiões, como no caso do Vice-Reinado do Rio da Prata, a noção de nacionalidade sequer estava consolidada. Naquele momento, Alberdi percebeu a situação utilizando argumentos econômicos importantes como o de *dereito de propriedade e estabilidade institucional* na construção do seu ideário de projeto nacional. Procurou também dar uma interpretação histórica para as causas da pobreza na América Latina. Considerou a situação de crise como um processo dinâmico causado por erros de conduta dos homens do poder. Buscou entender as causas para as crises econômicas sob uma perspectiva latino-americana. Um conjunto de contribuições cujo registro pode ajudar na compreensão da nossa formação econômica e política; e essa seria a segunda justificativa aqui destacada. O contexto em que Alberdi viveu foi um momento de grandes conflitos na região. É de se imaginar que muitos registros foram perdidos já que sedes de governos, onde arquivos públicos muitas vezes eram guardados, eram comumente invadidos e destruídos. Basta lembrar que Alberdi é referência para os poucos estudos existentes sobre a Guerra do Paraguai. A leitura desses autores pode ajudar a entender melhor as estruturas econômicas da região que hoje agrega não apenas a Argentina, mas a metade da América do Sul, inclusive terras brasileiras.

O artigo está dividido em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na seção 2, apresentaremos o contexto histórico em que insere o pensamento de Alberdi. Optamos por um contexto mais amplo considerando o período que vai do final do século XVIII até a unificação definitiva da Argentina, que ocorre a partir da década de 1860. Trata-se do período anterior àquele em que a Argentina experimentaria as maiores taxas de crescimento de sua história. Nesse período, a economia seria dominada pela pecuária bovina produzida na região do litoral em grandes extensões de terras e com pouca demanda por mão-de-obra. Seria também um período de grandes conflitos políticos. As seções 3 e 4 serão dedicadas à análise dos textos de *Bases e Estudios Económicos* sem, entretanto, desconsiderar a perspectiva histórica.

* O autor agradece aos comentários dos professores Osvaldo Coggiola do Departamento de História da USP e da Professora Maria Christina de Souza Campos, do Departamento de Economia da USP de Ribeirão Preto. Também agradece aos alunos de graduação Gustavo Gonçalves e Luiza Zoratti, pelos livros trazidos da Argentina. Os erros do artigo são de minha responsabilidade. A versão desse artigo é preliminar.

** Professor do Departamento de Economia da USP, campus de Ribeirão Preto e do PROLAM/USP.

I - O Contexto¹

O que se conhece hoje como a Argentina era, antes da sua independência, um grande vazio territorial conhecido como Vice-Reinado do Rio da Prata, que também agregava o que mais tarde seria os atuais Paraguai, Uruguai e parte da Bolívia. O extremo sul da região, hoje conhecido como a Patagônia, ainda estava por ser explorado e conquistado. Ou seja, após o fim da era colonial, grandes mudanças políticas e territoriais ainda estavam por acontecer na região. O próprio nome Argentina somente seria adotado a partir de 1826, com a sua segunda Constituição, que nunca entrou em vigor pelas disputas políticas que vigoraram na região.

Na época colonial, a região não era de interesse para a Coroa espanhola, como eram os outros Vice-Reinados e territórios conquistados, ricos em minérios e produtos primários com mercados garantidos na Europa. Tanto que a criação do Vice-Reinado somente se deu em 1776, motivada pelas crescentes preocupações em relação às penetrações portuguesa e inglesa na região (FERRER, 2004, p.68). Havia também interesses econômicos: a percepção acerca das potencialidades do Rio da Prata e do porto da cidade de Buenos Aires, que até então havia se desenvolvido graças, em grande parte, ao contrabando. Porém, esses interesses jamais puderam criar uma identidade nacional dentro do Vice-Reinado. Na verdade não havia uma nação; apenas um grande vazio territorial ocupado por poucos povoados com precárias ligações, exceção feita para a região do litoral, que margeava o Rio Paraná na região pampeana e que mais tarde, após a independência, conheceria uma próspera atividade pecuária.

Em sua grande extensão, surgiram povoados que tiveram relativa prosperidade dando origem a cidades como Salta, La Rioja, Tucumã, San Juan e Córdoba, dentre outras no interior, além das cidades de Entre Rios, Corrientes e Santa Fé, no litoral. Muitas dessas cidades, que seriam centros das futuras províncias argentinas, particularmente as do interior, mantinham, no período de sua fundação, raros contatos entre si, tendo em vista a precária infra-estrutura de transporte necessária para cobrir grandes distâncias. Nessas localidades, as privações materiais e o isolamento eram fatores que iriam determinar a construção de esquemas de cooperação com fortes sentimentos locais. Beneficiados pela estrutura de poder político e econômico herdados da época colonial, surgiram líderes que, às vezes se impunham pelo respeito, pela proteção ou pela força. Quanto mais isolada do centro de interesse da Espanha, pela distância ou pelo esquecimento, maior era o sentimento de localismo e mais importante era a figura desse líder. Tais localidades, mesmo estando submetidos à Coroa espanhola, guardavam fortes laços de autoridade local. A partir da luta pela independência na América espanhola, esses líderes passaram a ser denominados por caudilhos e, no caso da Argentina, teriam destaques nas disputas pelo poder durante boa parte do século XIX.²

A invasão napoleônica na península ibérica em 1808 resultou em uma ruptura na estrutura do poder colonial em toda a América espanhola. Quem deveria assumir as funções deixadas pela Coroa espanhola? Ou, de outra forma, quem deveria cobrar e dividir as receitas dos impostos? Surge, então, uma complexa e sangrenta disputa pelo poder que resultaria na desintegração da colônia espanhola, ao contrário da monarquia brasileira em que, apesar de todas as fragilidades institucionais e conflitos, que não foram poucos, já havia

¹ O contexto aqui apresentado foi baseado em interpretações de alguns importantes historiadores contemporâneos, conforme citaremos ao longo da seção. Trata-se de um período em que os documentos, dados e estudos são mais escassos. Logo, as interpretações não estão isentas de críticas. Não é objetivo do artigo, entretanto, debater esse momento histórico. Procuramos selecionar a bibliografia mais adequada para os nossos objetivos. Este texto foi beneficiado pela importante síntese realizada por Romero (1984).

² Aqui, demos um "salto" entre a formação desses núcleos populacionais na era colonial e o aparecimento do caudilhismo do século XIX. Não consideramos, por exemplo, a transição dos *cabildos*, como eram denominadas as representações locais da Coroa espanhola, que cuidavam de questões administrativas locais, para a estrutura social controlada pelos caudilhos argentinos durante o século XIX. Uma boa história sobre as origens do caudilhismo argentino pode ser encontrada em Lynch (2001). Sobre a transição aqui negligenciada, o leitor poderá encontrar referências na pesquisa de Shumway (2008). Também não consideramos as diferentes posições políticas entres os vários caudilhos. A literatura argentina nesse campo é vasta. Um estudo detalhado sobre o caudilhismo pode ser encontrado em Lafforgue (1999). Infelizmente, essa última referência exclui o caudilho popular José Artigas, que é considerado com detalhe em Shumway (2008).

pelo menos um conceito de nação. No caso do Vice-Reinado do Rio da Prata, Buenos Aires assumiria uma posição privilegiada nesses conflitos.

Antes da criação do Vice-Reinado, Buenos Aires não passava de um pequeno entreposto comercial e de contrabando, sem se constituir em centro de intermediação entre as outras regiões da América espanhola. Entretanto, com a abertura do porto em 1778, a cidade passou a experimentar crescente dinamismo que foi acompanhado pelo surgimento de uma elite de comerciantes e que mais tarde diversificaria suas atividades com a produção de gado no litoral. À medida que se sentia ameaçada pelos conflitos políticos ocorridos após a independência, essa elite procurou manter-se cada vez mais próxima do poder, reforçando a tendência de Buenos Aires em se colocar na frente das disputas políticas entre as províncias. Essa hegemonia, entretanto, era vista desde o início com desconfiança pelos líderes ou caudilhos provinciais. Nesse sentido, o período que se segue à *Revolução de Maio*, que marca o início do processo de independência da Argentina, é então caracterizado por intensos conflitos políticos entre os caudilhos representantes das províncias e forças defensoras dos interesses das elites portenhas.

A denominada anarquia argentina da primeira metade do século XIX insere-se em um contexto interessante e particular na América espanhola. As províncias desejavam autonomia em relação a Buenos Aires. Essa demanda, na verdade, refletia a ausência de uma nacionalidade que justificasse uma união em torno de uma nação. A união do Vice-Reinado do Rio da Prata era um equilíbrio político de certa forma artificial, pois não tentava criar laços econômicos e muito menos culturais. Entretanto, havia a força econômica e política da cidade portuária de Buenos Aires. Esta detinha uma posição privilegiada em relação às províncias. Qualquer que fosse a estrutura produtiva a ser implantada no interior, a cidade sairia ganhando com as receitas do comércio. O controle das importações significava de certa forma controlar as estruturas produtivas do interior. O controle das receitas significava também controlar a riqueza e o poder do Estado. Logo, o seu controle seria altamente estratégico sob o ponto de vista econômico e acima de tudo político.

No âmbito político, os conflitos que se seguem à *Revolução de Maio* criaram duas forças em torno das disputas pelo poder: o Partido Unitário, que favorecia um governo centralizado e controlado pelas elites de Buenos Aires, e o Partido Federal, representado pelos caudilhos ou representantes provinciais. Apesar dos esforços de muitos federais e unitários, as guerras, as conspirações e as dificuldades em se criar uma estrutura institucional mínima estável na qual pudesse funcionar uma base de poder democrática, isto é, com a participação de unitários e federais, acabou resultando na longa ditadura do caudilho Juan Manuel de Rosas, que exerceu seu poder sobre o país entre 1829 e 1851.³

Durante o governo de Rosas, ocorreu alguma estabilidade política e um razoável desenvolvimento da pecuária bovina, com atividades de exportação de couros e charque para o Brasil e Europa. Tais atividades, entretanto, não alterariam o quadro de estagnação ou de ausência de estruturas, particularmente no interior.⁴ A Argentina continuava sendo um país sem população e sem capital físico. O setor pecuário empregava pouca mão-de-obra e tecnologia. A estrutura de propriedade da terra, durante o seu governo, tornava-se cada vez mais concentrada.⁵ A pecuária se desenvolvia no litoral, porém pouco progresso econômico e social trazia para a região. Não demandava grandes investimentos. A tecnologia era rudimentar. Enfim, essa atividade, pelas suas características e pelo fato de ter sido montada em uma estrutura de propriedade da terra altamente concentrada, pouco dinamismo trazia para a região do litoral.⁶ Quanto ao interior, a estrutura econômica ficava, na maioria das vezes, restrita às atividades de subsistência.⁷ Diante desse quadro, Rosas era visto por muitos como um governo do atraso. Aos olhos dos historiadores atuais, Rosas é considerado como fruto da ascensão ao poder de uma nova classe política: a dos estancieros ou produtores de gado.

³ Rosas, na verdade ocupou o poder durante os anos de 1829 e 1832 e 1835 a 1851.

⁴ Sobre as características da economia durante o governo de Rosas, ver Lynch (2001).

⁵ Sobre esse processo, ver Rock (1994).

⁶ Para uma análise acerca das características que contribuíam para o baixo dinamismo da pecuária argentina do período aqui considerado, ver Ferrer (2004).

⁷ As exceções referem-se àquelas atividades que conseguem colocar seus produtos nos mercados de Buenos Aires, como o açúcar de Tucumã. Esse exemplo é dado por Ferrer (2004, p. 99)

Tratava-se de uma oligarquia de proprietários rurais com origens no comércio de Buenos Aires, mas que agora diversificavam suas atividades com as generosas distribuições de terras pelo governo de Rosas (LYNCH, 2001, p. 635). Enfim, Rosas não interrompeu a estagnação no processo de formação econômica e política da sociedade argentina. Não pensou em considerar as realidades sociais das províncias em um projeto de integração nacional com a distribuição mais equitativa das receitas aduaneiras do porto. Seus interesses voltavam-se para os interesses de Buenos Aires na parte em que beneficiasse os produtores de gado da região e os já poucos ricos comerciantes. Sua idéia de Federação Argentina era artificial. Enfim, Rosas era fruto dos interesses do poder econômico de poucos e dele próprio.⁸

Essa situação despertou grandes inspirações nas letras argentinas, dentre elas uma das mais notáveis da literatura latino-americana: *Facundo ou Civilización y Barbárie*, escrita originalmente em 1845 pelo romancista natural da província do interior de San Juan e que mais tarde seria presidente de seu país, Domingo Faustino Sarmiento. Nessa obra, Sarmiento, inspirado por Alexis de Tocqueville e outros de sua época, se utiliza da biografia de um caudilho contemporâneo de Rosas, Juan Facundo Quiroga, para criticar o atraso da Argentina dos Caudilhos como Rosas, Quiroga e tantos outros que representavam, sob o ponto de vista dele, a barbárie de um país que teria grande potencial para alcançar a civilização. Tratava-se de uma denúncia política: a ditadura de um caudilho considerado como um símbolo da barbárie, ainda que na interpretação de muitos historiadores, alguns caudilhos teriam sido autênticos representantes das aspirações populares, isto é, latino-americana.⁹ Havia também uma tentativa de interpretação do atraso argentino a partir da percepção da existência de uma sociedade com traços feudais ou pré-capitalistas (SARMIENTO, 1999, p 50 - 51). A denúncia de Sarmiento parecia refletir a disparidade entre a Argentina de Rosas e as possibilidades criadas pela revolução industrial que se podia observar a partir da Europa. Enquanto a cidade de Buenos Aires permanecia estagnada, com os traços bárbaros do campo semi-feudal, se multiplicavam na Europa as possibilidades do uso dos telégrafos, das ferrovias, do vapor como fonte de energia e das várias tecnologias que o progresso humano permitia criar (ROMERO, 1984, p. 104 - 105).

Sarmiento não estava só em sua crítica. Muitos outros intelectuais argentinos já haviam percebido o atraso do país em sua época. A barbárie dos conflitos políticos e das disputas pelo poder, o vazio territorial, a falta de capital e trabalho e a ausência de instituições estáveis foram questões consideradas por alguns outros escritores e intelectuais argentinos. Era necessário construir uma nação com base na superação desses e outros problemas. O governo de Rosas estaria apenas perpetuando a situação e contribuindo para manter os interesses de uma pequena elite que se estabelecia com o comércio de Buenos Aires e com a criação de gado em grandes extensões de terras. Seu governo havia de fato mantido certa estabilidade entre as províncias, mas não havia construído um projeto para o país em um mundo capitalista com possibilidades de expansão. Não havia democracia, nem um Estado de direito e muito menos as instituições que poderiam ser observadas na Europa e particularmente nos Estados Unidos, uma recém libertada colônia que estava dando certo. Dentre esses intelectuais, um grupo se destacou: a denominada geração de 1837. Fariam parte do grupo nomes conhecidos da literatura argentina como Esteban Echeverria, Juan Maria Gutierrez, Vicente Fidel Lopes e Juan Bautista Alberdi, dentre outros.¹⁰ Apareceram em uma Buenos Aires em que o comércio trazia não apenas mercadorias, mas também livros, modelos, modas e idéias do velho continente europeu. Cada um desses intelectuais se destacou e ainda se destaca na história das idéias da Argentina. Sob o ponto de vista econômico, entretanto, nenhum avançou mais do que Juan Bautista Alberdi.

⁸ Em relação ao comércio internacional, Rosas manteve boas relações com a Inglaterra, exceto pelos bloqueios inglês e francês entre 1838 e 1839 e 1945 e 1948. Sobre esses conflitos, ver Rock (1984). Apesar dessas boas relações, Rosas não chegou a desenvolver a integrar a Argentina no modelo de divisão internacional do trabalho, o que somente viria a ocorrer a partir da segunda metade do século XIX. Alguns autores chegam a destacar suas atitudes protecionistas, porém não intencionais, como a Lei de Tarifas de 1835 que introduziu taxas de importações mais altas, protegendo artigos como produtos têxteis, ferragens e trigo (Lynch, 2001, p. 629).

⁹ Essa é uma das hipóteses de Shumway (2008), ao destacar o caudilho José Artigas.

¹⁰ Sarmiento, na verdade, não fez parte do grupo original que foi criado em 1937. É considerado, entretanto, como parte do grupo por ter sido oposição intelectual ao governo de Rosas. Sobre detalhes acerca da criação da geração de 37, ver Shumway (2008)

Antes de partir para o exílio, Alberdi apresenta uma das suas primeiras e principais obras, denominada *Fragmento Preliminar al Estudio del Derecho*, publicado originalmente em 1837. Nela Alberdi revela-se um jurista preocupado em construir uma base institucional para seu país.¹¹ Naquele momento, havia, por parte de Alberdi, esperanças na estabilidade institucional que poderia acontecer a partir do governo "restaurador" de Rosas.¹² Também se preocupava com questões econômicas. No capítulo XI dessa obra, intitulado *Limites que separam o direito da política e da economia*, procurou identificar a importância da *Economia* como ciência embrionária (devemos lembrar que Alberdi escrevia esse texto em 1837) argumentando que, além da organização jurídica, um país deve pensar em sua existência material, que é a base, segundo o autor, de toda a existência humana (ALBERDI, 1954, p.153). As esperanças em Rosas fracassaram e o exílio foi uma forma de sobreviver à truculenta Mazorca.¹³ Mas as idéias econômicas não cessaram. No exílio, em Valparaíso, no Chile, Alberdi assume a tarefa de pensar a construção de sua nação. Continuou exercendo o ofício de escritor, tentando algo como a construção das bases materiais e institucionais e uma nação a ser criada. Para Alberdi, ainda não havia a Argentina.

As bases para a construção de uma nação liberal

Em 1852, Rosas é derrubado pelas forças do General Justo José Urquiza, um próspero caudilho da Província de Entre Rios. Surgia então uma nova perspectiva para a futura nação argentina à medida em que Urquiza intencionava elaborar uma nova Constituição, o que poderia significar um novo equilíbrio político para o país. Nesse mesmo ano, Alberdi publicava aquele que seria, na opinião do historiador contemporâneo argentino, Leon Pomer, “o compêndio mais perfeito de um ideário liberal escrito na América, ex-colônia espanhola, durante o século XIX”¹⁴: *Bases y Puntos de Partida para la Organización Política de la República Argentina*.

Bases foi um texto intencional, pois Alberdi já mantinha militância política de oposição ao governo de Rosas. O texto apareceu pela primeira vez em primeiro de maio de 1852 em Valparaíso, no Chile e teve grande e positiva repercussão na imprensa chilena e argentina (MAYER, 1963, p. 412). *Bases* é fruto da preocupação econômica de Alberdi já manifestada em *Fragmentos*. Sua construção tem clara influência da literatura liberal da época, particularmente do contato que o autor teve com as obras de Adam Smith e J. B. Say (MAYER, 1963, p 95). *Bases* é texto jurídico, pois contém as diretrizes para um novo modelo institucional a ser implantado pelo governo a suceder Rosas. É um texto sobre política, pois discute questões referentes às disputas entre federais e unitários. É também um texto sobre economia, pois trata dos caminhos que o país deve trilhar para conseguir o progresso material. É, acima de tudo, um texto de ideologia liberal à medida em que procura preparar o país para a sua inserção em um mundo capitalista que já dava sinais de expansão naquele momento¹⁵. Mas não pode ser considerado como um texto que simplesmente importava essa ideologia liberal. Pelo contrário; Alberdi olhava para os interesses de seu país. Vejamos com mais detalhes esses pontos.¹⁶

¹¹ Estamos tratando de um período histórico em que a nacionalidade argentina ainda está em formação. Logo, em determinados momentos do texto, não tem sentido falar em país ou nação argentina. Mesmo assim, muitas vezes utilizaremos, no texto, esse termo como referência à região do Vice-Reinado.

¹² Shumway (2008) destaca também que, neste texto, Alberdi busca construir suas idéias tomando como referência a realidade Argentina. Esse autor, entretanto, argumenta que em *Bases*, Alberdi perde essa referência, voltando-se para os Estados Unidos e Europa. Neste artigo, não concordamos com as posições de Shumway em relação a esse ponto, o que ficará evidente ao longo do texto.

¹³ Espécie de polícia secreta de Rosas que tinha como objetivo denunciar os inimigos do poder.

¹⁴ Essa citação foi extraída da apresentação feita por Leon Pomer à única edição brasileira de *Bases*, editado em 1994 pela Editora da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

¹⁵ É importante destacar aqui o momento de transição. A Inglaterra começava a se firmar como líder em um sistema de divisão internacional do trabalho a ser consolidado no final do século XIX.

¹⁶ A análise aqui feita não é na seqüência que aparece no texto. No primeiro capítulo de *Bases* Alberdi argumenta que seu livro foi fruto do pensamento de muitos anos, porém redigido pela urgência demandada pela situação política Argentina. Essa idéia pode ser

Alberdi inicia sua obra analisando as constituições experimentadas pela Argentina (1819 e 1826) e por algumas das recém independentes nações latino-americanas (ALBERDI, 1843, pp. 9 -11)¹⁷:

Ninguna de las constituciones de Sud - América merece se tomada por modelo de imitación, por los motivos que paso a ocuparme. (...)

Todas las constituciones dadas en Sud -América durante la guerra de la independencia, fueron expresión completa de la necesidad dominante de ese tiempo. Esa necesidad consistía en acabar con el poder político que la Europa había ejercido en este continente, empezando por la conquista y siguiendo por el coloniaje; y como medio de garantir su completa extinción, se iba hasta arrebatarle cualquier clase de ascendiente en estos países. La independencia y la libertad exterior eran los vitales intereses que preocupaban a los legisladores de ese tiempo. Tenían razón; comprendían su época y sabían servirla. (...)

En ese período, en que la democracia y la independencia eran todo el propósito constitucional; la riqueza, el progreso material, el comercio, la población, la industria, en fin, todos los intereses económicos, eran cosas accesorias, beneficios secundarios, intereses de segundo orden, mal conocidos y mal estudiados, y peor atendidos por supuesto.

Para Alberdi, o novo sentido da emancipação seria o desenvolvimento econômico. Para tanto, considerava que a América Latina deveria elaborar leis de forma a estimular o comércio, a imigração, os investimentos, enfim a implantação de atividades econômicas de forma que "algo dinâmico acontecesse" e que a sociedade pudesse desfrutar do progresso material decorrente. Pensou então em algumas pré-condições para esse progresso (ALBERDI, 1943, p. 222):

¿Por qué dudar, por fin, de la posibilidad de una constitución argentina, en que se consignent los principios de la revolución americana de 1810? ¿Son en qué consisten, qué son esos principios representados por la revolución de mayo? Son el sentido común, la razón ordinaria aplicados a la política. ¿La igualdad de los hombres, el derecho de propiedad, la libertad de disponer de su persona y de sus actos, la participación del pueblo en la formación y dirección del gobierno del país, qué otra cosa son sino reglas simplísimas de sentido común, única base racional de todo gobierno de hombres?

Nessa passagem notamos duas questões importantes. O conceito de direito de propriedade e a noção de democracia. A segunda questão talvez fosse uma utopia para a região naquele momento. Não pensava Alberdi no voto universal, mas numa divisão mais democrática do poder entre federais e unitários. Voltaremos a essa discussão mais adiante. A primeira questão, entretanto, chama a atenção para um conceito importante e que ainda é explorado na ciência econômica contemporânea: o de direito de propriedade. Alberdi era um jurista e procurava relacionar, com base na realidade do seu país, o conceito de direito de propriedade com o progresso material. De uma perspectiva mais geral, parecia pensar na estabilidade institucional como uma condição necessária para o desenvolvimento do seu país. Para tanto era necessário um governo construído com regras a serem respeitadas, e não de decisões arbitrárias tão comuns na história da região (ALBERDI, 1943, p. 184 – 185):

Las garantías individuales proclamadas con tanta gloria, conquistadas con tanta sangre, se convertirán en palabras vanas, en mentiras relumbrosas, si no se hacen efectivas por medio de las garantías públicas. – La primera de éstas es el gobierno, el poder ejecutivo revestido de la fuerza capaz de hacer efectivos el orden constitucional y la paz, sin los cuales son imposible la libertad, las instituciones, la riqueza, el progreso.

La paz es la necesidad que domina todas las necesidades públicas de la America del Sud. – Ella no necesitaría sino de la paz para hacer grandes progresos.

Pero no lo olvidéis: la paz sólo vienes por el camino de la ley. La constitución es el medio más poderoso de pacificación y de orden.

interpretada como uma justificativa da existência de um contexto político e mesmo pessoal conturbado, pois Alberdi encontrava-se no exílio, o que dificultou a organização de uma seqüência lógica bem delimitada de idéias.

¹⁷ A edição utilizada neste artigo é a de 1856. É considerada como edição oficial e definitiva A primeira apareceu em 1852 em Valparaíso. A segunda surgiu meses depois na mesma cidade.

Interessante notar a interpretação que Alberdi faz de sua época ao constatar o fato de que as constituições latino-americanas teriam sido concebidas como imitações das constituições da França e dos Estados Unidos (ALBERDI, 1943, p. 12):

En su redacción nuestras constituciones imitaban las constituciones de la República francesa y de la República de Norte - America.

Veamos el resultado que esto producía en nuestros intereses económicos, es decir, en las cuestiones de comercio, de industria, de navegación, de inmigración, de que depende todo el porvenir de la América del Sud.

El ejemplo de la revolución francesa nos comunicaba su nulidad reconocida en materias económicas.

Sabido es que la revolución francesa, que sirvió a todas las libertades, desconoció y persiguió la libertad de comercio. La Convención hizo de las aduanas una arma de guerra, dirigida especialmente contra la Inglaterra, esterilizando de ese modo la excelente medida de la supresión de las aduanas provinciales, decretada por la Asamblea nacional. Napoleón acabó de echar la Francia en esa vía por el bloqueo continental, que se convirtió en base del régimen industrial y comercial de la Francia y de la Europa durante la vida del Imperio. Por resultado de ese sistema, la industria europea se acostumbró a vivir de protección, de tarifas y prohibiciones.

Los Estados Unidos no eran de mejor ejemplo para nosotros en política exterior y en materias económicas, aunque este parezca extraño.

Una de las grandes miras constitucionales de la Unión del Norte era la defensa del país contra los extranjeros, que allí rodeaban por el norte y sur a la República naciente, poseyendo en América más territorio que el suyo, y profesando el principio monárquico como sistema de gobierno. La España, la Inglaterra, la Francia, la Rusia y casi todas las naciones europeas tenían vastos territorios alrededor de la Confederación naciente. Era tan justo pues que tratase de garantizarse contra el regreso practicable de los extranjeros a quienes venció sin arrojar de América, como hoy sería inmotivado ese temor de parte de los Estados de Sud - América que ningún gobierno europeo tienen a su intermediación.

Desmembración de un Estado marítimo y fabril, los Estados Unidos tenían la aptitud y los medios de ser una y otra cosa, y les convenía la adopción de una política destinada a proteger su industria y su marina contra la concurrencia exterior, por medio de exclusiones y tarifas. Pero nosotros no tenemos fábricas, ni marina, en cuyo obsequio debamos restringir con prohibiciones y reglamentos la industria y la marina extranjera, que nos buscan por el vehículo del comercio.

Três considerações merecem destaque analisando essa extensa citação. Em primeiro lugar, Alberdi se negava à imitação. Ou seja, considerava em *Bases* uma perspectiva latino-americana, ainda que sob uma leitura liberal.¹⁸ Em segundo lugar, Alberdi já denunciava, em 1852, o protecionismo industrial nos Estados Unidos e na Europa; ou seja, percebia que muitos países adotavam políticas contrárias ao princípio das vantagens comparativas, ainda que não tivesse utilizado esse argumento na citação. Em terceiro lugar, para Alberdi, ainda não estava claro qual seria o papel da Argentina no sistema de divisão internacional do trabalho a ser implantado a partir da segunda metade do século XIX. Seria ele contra a industrialização? Não era essa a questão a ser respondida naquele momento pelo autor. Alberdi preocupava-se com algo mais profundo ou estrutural: como organizar uma nação com condições institucionais mínimas para que o progresso econômico pudesse prosperar naquilo que a Argentina pudesse melhor oferecer. Alberdi, entretanto, parecia perceber que a pecuária desenvolvida sob o governo de Rosas não poderia ser a atividade dinâmica que conduziria a Argentina ao desenvolvimento econômico e a integração, como já havia percebido Sarmiento.¹⁹

¹⁸ Neste aspecto, a análise aqui diverge da realizada por Shumway (2008), que considera *Bases* um texto que afasta Alberdi de uma visão latino-americana.

¹⁹ Podemos considerar, por exemplo, os seguintes trechos dos textos de Sarmiento: "(...) o gado é a indústria que ocupa a terra e exclui a população. (...) As vacas dirigem a política argentina! Que são Rosas, Quiroga e Urquiza? Apascentadores de Vacas, nada mais. Todos esses títulos de governador, general, restaurador, diretor são consequência da maneira estúpida, pobre, prejudicial de criar vacas, inutilizando o terreno, impedindo o povoamento e a indústria." (SARMIENTO, 1983, p. 38).

Inicialmente era necessário povoar. Conforme as próprias estimativas de Alberdi, a Federação Argentina em meados do século XIX deveria ter cerca de 800 mil habitantes. Essa seria uma das funções do Estado: "governar é povoar" seria a frase contida no título do capítulo 31 de *Bases*. Seria, então, papel do Estado dar garantias aos imigrantes, criar uma constituição que pudesse garantir o direito de propriedade àqueles que desejassem se estabelecer em solo argentino. Permitir a diversidade religiosa já seria um grande passo. Mas Alberdi vislumbrava algo mais do que o simples povoamento. Se o povoamento do deserto interior era importante, também era importante superar o isolamento e, para tanto, seriam necessários investimentos em infra-estrutura de transporte e de comunicação. (ALBERDI, 1943, p. 85)

Los grandes medios de introducir la Europa en los países interiores de nuestro continente en escala y proporciones bastante poderosas para obrar un cambio portentoso en pocos años, son el ferrocarril, la libre navegación interior y la libertad comercial. Europa viene a estas lejanas regiones en alas del comercio y de la industria, y busca la riqueza en nuestro continente. La riqueza, como la población, como la cultura, es imposible donde los medios de comunicación son difíciles, pequeños y costosos

Mas de onde viriam os recursos para tantos investimentos? Aqui Alberdi apresenta uma possibilidade que o revela muito mais preocupado com uma concepção mais geral de construção de uma nação capitalista do que o simples povoar de um vazio territorial. Pensava em um projeto de inserção em um modelo de interdependência global que imaginava ser vantajoso para a Argentina. Essa inserção se daria de várias formas, mas a atração de recursos externos para os investimentos em infra-estrutura para a integração do país seria uma delas (ALBERDI, 1946, p. 89):

¿Son insuficientes nuestros capitales para esas empresas? - Entregadlas entonces a capitales extranjeros. Dejad que los tesoros de fuera como los hombres se domicilien en nuestro suelo. Rodead de inmunidad y de privilegios el tesoro extranjero, para que se naturalice entre nosotros.

Esta América necesita de capitales tanto como de población. El inmigrante sin dinero es un soldado sin armas. Haced que inmigren los pesos en estos países de riqueza futura y pobreza actual. Pero el peso es un inmigrado que exige muchas concesiones y privilegios. Dádselos, porque el capital es el brazo izquierdo del progreso de estos países. Es el secreto de que se valieron los Estados Unidos y la Holanda para dar impulso mágico a su industria y comercio.

Alberdi seria criticado por essa postura. Uma crítica injusta, conforme discutiremos na próxima seção.

É interessante notar que todo o discurso de Alberdi se volta para uma união das províncias argentinas, situação que até então não havia se verificado na região. Essa união política, entretanto, implicava uma maior divisão de poder entre federais e unitários. No capítulo 17 de sua obra, Alberdi apresenta inúmeros argumentos que defendem as posições dos dois partidos. Vislumbrava um modelo conciliatório, tendo como referência os Estados Unidos. Imaginava um Estado Federativo composto pelas províncias independentes, porém subordinadas a um governo central. No capítulo 23, sugere algumas das atribuições para esse governo: a política externa, a defesa, os investimentos em infra-estrutura, a legislação sobre comércio, a navegação e dois importantes conjuntos de questões econômicas: o poder de emitir créditos internos e externos e o poder de arrecadar e distribuir as receitas tributárias. A primeira das faculdades faz sentido com base em um poder central. Logo, não é difícil justificar a sua defesa. O problema estaria no segundo conjunto de atribuições. A quase totalidade das receitas da Argentina era gerada no porto de Buenos Aires. Esse seria o grande problema que não seria resolvido após a vitória de *Monte Caseros* e que seria uma das grandes decepções de Alberdi em relação aos rumos tomados pela Argentina. Voltaremos a esse ponto.²⁰

Após a construção institucional qual seria a estrutura produtiva que deveria ser estabelecida no país? Conforme sugerido anteriormente, Alberdi não estaria pensando no modelo de divisão internacional do

²⁰ *Monte Caseros* é o local onde o ditador Juan Manuel Rosas foi derrubado em fevereiro de 1851 pelas forças do General Urquiza.

trabalho que poderia ser prejudicial à América Latina na interpretação de muitos economistas latino-americanos contemporâneos.²¹ Poderia ser a indústria, conforme ele sugere no capítulo 13: (ALBERDI, 1943 p.62)

La industria es el único medio de encaminar la juventud al orden. Cuando la Inglaterra ha visto arder la Europa en la guerra civil, no ha entregado su juventud al misticismo para salvarse; ha levantado un templo a la industria y le ha rendido un culto, que ha obligado a los demagogos a avergonzarse de su locura.

La industria es el calmante por excelencia. Ella conduce por el bienestar y por la riqueza al orden por el orden a la libertad: ejemplos de ello la Inglaterra y los Estados Unidos. La instrucción en América debe encaminar sus propósitos a la industria.

Ou seja, Alberdi pensava na industrialização como uma possibilidade. Pensava antes na qualificação da mão-de-obra. Não o simples "educar o povo", mas orientar a educação para as *ciências exatas e artes aplicadas à indústria*. Alberdi reclamava do excesso do ensino do que denominou de ciências morais em detrimento das ciências exatas. Considerando que a indústria demandaria a instrução da engenharia e atividades afins, fazia sentido pensar na qualificação da mão-de-obra como alternativa para a implantação de indústrias no futuro.

Alberdi pensava, entretanto, em uma atividade econômica especial a ser estimulada de imediato: o comércio e a navegação do Rio da Prata. A posição estratégica das terras para as pastagens ou agricultura, a penetração do rio no interior da América do Sul. Essa seria uma vantagem evidente e, mais uma vez, a questão fiscal se colocava como fundamental (ALBERDI, 1943, P. p. 122 - 123):

De todas las industrias conocidas, el comercio marítimo y terrestre es la que forma la vocación especial de la República Argentina. Ella deriva esa vocación de la forma, producciones y extensión de su suelo, de sus portentosos ríos, que hacen de aquel país el órgano de los cambios de toda la América del Sud y de su situación respecto de la Europa. - Según esto, la libertad y el desarrollo del comercio interior y exterior, marítimo y terrestre, deben figurar entre los fines de primer rango de la constitución argentina. - Pero este gran día quedará ilusorio, si la constitución no garantiza al mismo tiempo la ejecución de los medios de verlo realizado. La libertad del comercio interior sólo será un nombre, mientras haya catorce aduanas interiores, que son catorce desmentidos dados a la libertad. -La aduana debe ser una y nacional, en cuanto al producto de su renta; e en cuanto a su régimen reglamentario, la aduana colonial o fiscal, la aduana inquisitorial, iliberal y mezquina de otro tiempo, la aduana intolerante, del monopolio y de las exclusiones, no debe ser la aduana de un régimen de libertad y de engrandecimiento nacional.

Alberdi estaria ainda por perceber que a questão fiscal seria um dos grandes entraves à unificação do país. Sob a influência de *Bases*, em 1853 é implantada a Constituição da Federação Argentina. Por prever a federalização das receitas do porto, aquela que seria a capital da nação se declara independente. A divisão política que era observada na ditadura de Rosas é ampliada. Alberdi, na Edição de *Bases* de 1856, busca na história e nas instituições, as causas dessa situação (ALBERDI 1943. p. 278):

El error de Rivadavia no consistía en haber dado a su provincia instituciones inadecuadas, como dice vulgarmente, sino en que empezó por atribuir a la provincia de Buenos Aires los poderes y las rentas que eran de toda la Nación. Cuando más tarde quiso retirarte esos poderes y rentas para entregarlos a su dueño, que es el pueblo argentino, ya no pudo; y la obra de sus errores fué más poderosa que la buena voluntad del autor. En nombre de sus propias instituciones de desquicio, Rivadavia fué rechazado por Buenos Aires, desde que pensó en dar instituciones de orden nacional

Bernardino Rivadavia foi uma das personalidades políticas mais importantes da Argentina na primeira metade do século XIX e esteve no poder entre 1821 e 1827. Primeiro como Ministro das Relações Exteriores do Governo Federal do General Martin Rodriguez e depois como Presidente, Rivadavia liderou, durante os

²¹ Aqui, podemos destacar o pensamento cepalino, que considerou a especialização produtiva decorrente da adoção do livre comércio como uma situação prejudicial para a América Latina. Prebisch, por exemplo, denominou tal modelo de *Centro-Periferia*.

anos de 1820, um governo relativamente próspero em Buenos Aires. Essa prosperidade já era decorrente de certo dinamismo adquirido pelo porto, resultado do comércio de couro e carnes salgadas exportada para Europa e Brasil. Esse dinamismo, apesar de não ter contribuído para qualquer mudança no quadro estrutural sob o ponto de vista da nação, que era de estagnação e de não integração, foi acompanhado pelo surgimento de uma classe alta emergente com o fascínio pelos costumes da aristocracia européia (SHUMWAY, 2008, p. 121). Rivadavia soube aproveitar esse momento e conduzir a cidade de Buenos Aires para uma *feliz experiência*, pelo menos sob o ponto de elites portenhas que cada vez mais consolidavam o seu poder econômico, diversificavam suas atividades, migrando para a pecuária na região pampeana graças às generosas transferências de terras para as elites portenhas (ROCK, 1994, p. 142 e 144). Ao assumir a presidência em 1826, e apesar de representante do Partido Unitário, tentou implantar uma Constituição que previa Buenos Aires como capital federal e as receitas aduaneiras do porto como receitas de toda a nação. A forte oposição sofrida por parte de grupos que se denominavam de federais, mas que representavam interesses de Buenos Aires, como Juan Manuel Rosas e uma elite de comerciantes e criadores de gado com origens na cidade portuária levou-o à renúncia em 1827.²² Em estudo publicado originalmente no ano seguinte ao de *Bases*, denominado *Derecho Publico Provincial Argentino*, Alberdi haveria de considerar de forma mais energética a hipótese de que durante o governo de Rivadavia, as leis teriam dado poderes suficientes ao Governo de Rosas para legislar em benefício da arbitrariedade e do despotismo (ALBERDI, 1998, p.106). Não tanto por culpa de Rivadavia, que, segundo Alberdi, tentou modernizar a nação; queria chamar a atenção para a importância e para os cuidados com a construção da estrutura institucional de um país.

Alberdi já enxergava, na década de 1850, que as disputas políticas tinham uma motivação econômica e uma origem histórica. Em seu *Fragmento Preliminar*, considerado brevemente no *contexto* da seção anterior, Alberdi talvez não pudesse ter percebido tal questão e talvez aí resida a ingenuidade do seu apoio a Rosas. Porém, Rosas havia consolidado o poder de uma elite na cidade de Buenos Aires. Após sua queda, essa elite procurou defender os interesses da cidade portenha. Essa defesa acabou contribuindo para mais duas décadas de disputas entre federais e unitários. Nesse período Alberdi mantém o seu ofício de escrever sobre a Argentina, agora não apenas tentando pensar em como construir uma nação, mas buscando entender as causas de seu fracasso.

O economista em *Estudios Económicos*

Após escrever *Bases* e durante o governo de Urquiza, Alberdi passa a representar diplomaticamente a Confederação Argentina, constituída então por treze províncias menos Buenos Aires. Entretanto, tendo em vista os rumos políticos tomados por seu país, Alberdi permaneceria em um exílio voluntário até 1878, quando retornaria ao país quase unificado para assumir um cargo de deputado em sua cidade natal de Tucumã. Durante sua vida publicou inúmeras obras, dentre as quais se destacam, além das já citadas neste artigo, as *Cartas sobre la prensa y la política militante de la República Argentina*, também conhecida como *Cartas Quillotanas* e *Sistema Económico y Rentístico de la confederación argentina*, publicadas originalmente em 1853, além de *Grandes y pequeños hombres del Plata*, obra publicada em 1865, textos em que Alberdi expressa suas divergências políticas com Sarmiento e revela sua simpatia pelo Partido Federal. Mas não o federalismo de Rosas, pois, conforme destacado no *contexto* desse artigo, Rosas era fruto de circunstâncias infelizes, representante dele mesmo e de interesses de uma oligarquia que passaria a dominar as forças políticas do país. Alberdi, utópico ou não, pensava em uma nação integrada e para isso era necessária uma melhor distribuição do poder entre Buenos Aires e as províncias. Uma vez estabelecida essa distribuição, pensava na estabilidade institucional, que somente seria possível com a paz na região. Considerava que o fim do conflito entre as províncias somente seria possível se houvesse uma perspectiva de

²² A diversificação econômica realizada pela elite de Buenos Aires desde o início do século XIX e que inclui a migração das atividades comerciais para a pecuária pampeana pode ser encontrada em Rock (1994). Sobre a história da "feliz experiência", ver Shumway (2008).

crescimento, de integração e, de certa forma, de inclusão. Pensava na integração do interior com o litoral e a cidade de Buenos Aires. Era otimista em relação à possibilidade da utilização de uma política orientada para o progresso material de toda a nação. As receitas aduaneiras do porto poderiam contribuir para tal propósito. Mas esse não foi o caminho trilhado pela Argentina e Alberdi parece ter sido um dos primeiros a ter percebido e denunciado a situação. Essas leituras podem ser percebidas em sua obra *Estudios Económicos*, escrita no final dos anos 70 e publicada após a sua morte em 1886. Uma análise profunda de uma situação histórica importante.

Estudios não é uma obra muito citada na literatura política argentina. Essa pouca atenção se explica talvez por dois motivos. Primeiro trata-se de um conjunto de apontamento de idéias incompletas publicado após a morte do autor. Segundo, trata de questões econômicas que de certa forma já teriam sido publicadas de forma mais rigorosa em obras anteriores. Entretanto, *Estúdios* contém um esforço interessante realizado pelo autor em entender os erros de política econômica conduzidos pelos políticos que assumiram o poder após a queda de Rosas. Esse esforço foi percebido pelo filósofo argentino José Ingenieros, em seu estudo clássico *Evolución de las ideas argentinas*, publicado originalmente entre 1918 e 1920. A valiosa obra de Ingenieros, apesar de pioneira, ainda é importante e podemos tomá-la como referência. Para Ingenieros, Alberdi buscava, naquele momento, uma visão original para as causas econômicas da pobreza na América Latina. Ou seja, já percebia uma condição particular de atraso. Mais do que isso, considerava tal condição como crônica, como uma doença a ser tratada pela Ciência Econômica. Para Ingenieros, Alberdi não apenas explicitaria sua influência de Adam Smith e Herbert Spencer como também inauguraria, junto com Sarmiento, o método Sociológico de interpretação do processo de formação da sociedade argentina (Ingenieros, 1994, p. 364). Alberdi, também seria pioneiro na utilização de vários conceitos econômicos.

Na introdução de *Estudios*, Alberdi parece procurar uma leitura econômica para a situação da de crise na Argentina considerando uma realidade distinta, ou seja, considerando um ponto de vista latino-americano. Argumentava que a América do Sul estaria ocupada por povos "pobres" em solos "ricos", ao contrário da Europa, ocupada por povos ricos em solos pobres (ALBERDI, 1934, p. 34.). Quais seriam então as causas dessa pobreza? Nesse ponto Alberdi revela a sua preocupação central: as **questões morais** relacionados com **erros de conduta** públicos ou privados. Para Alberdi as crises econômicas na América espanhola seriam causadas por erros de conduta. Interessante o processo dinâmico desencadeado por uma crise econômica descrito pelo autor (ALBERDI, 1934, p.48):

La crisis económica consiste en un empobrecimiento general en que cae todo el país, que destruye una gran parte de su capital por errores de su conducta , oficial o privada, de cuyo estado de cosas son elementos concomitantes y característicos la paralización del tráfico y del trabajo industrial; la disminución de las importaciones y de las exportaciones y mengua consiguiente de las entradas de aduana; la contracción del crédito; la merma del tesoro; la baja de los fondos públicos, la depresión de todos los valores; la escasez del dinero; la ausencia total del oro y de la plata; la baja de los salarios del trabajo; la reemigración de los trabajadores; las disminución de la población; las quiebras; los procesos; los escándalos; la relajación de las costumbres; las pestes; la revolución ola guerra extranjera como medio de precipitar la crisis y eludir los compromisos contraídos.

Essa seria a leitura da crise latino-americana no contexto da Argentina até a década de 70 do século XIX. Podemos notar que, com algumas adaptações, a descrição acima pode ser utilizada para descrever uma crise contemporânea. Ao buscar os “erros de conduta”, Alberdi volta-se para a herança colonial da América Espanhola. Buscou nessa herança as causas estruturais para os problemas da América espanhola (ALBERDI, 1934, p.97):

La América antes española es pobre desde su origen y por causa de su origen, que debió a una nación pobre ella misma cuando la descubrió y conquistó, a causa de una guerra santa de ocho siglos en que olvidó o prendió a ignorar el trabajo, que e la sola fuente de la riqueza como su ausencia es la sola causa de la pobreza

Aqui Alberdi revela seu preconceito em relação à Espanha ao mesmo tempo em que reafirma sua simpatia pela literatura liberal. Alberdi, em *Estudios*, confirma a influência recebida da Riqueza das Nações de Adam Smith, particularmente em dois de seus aspectos. Em primeiro lugar, o autor procura relacionar as *questões morais* com os conceitos *trabalho produtivo e improdutivo* discutidos por Smith no capítulo III do livro segundo da Riqueza das Nações. Alberdi não deixava de explicitar em várias partes do texto o seu preconceito em relação ao "ócio herdado" da Espanha. Implicitamente, Alberdi parece considerar a interpretação que Smith realiza no capítulo VII do livro quarto para explicar o sucesso das colônias inglesas em relação às colônias portuguesas e espanholas. Parece também considerar a questão da lei dos rendimentos decrescentes da terra pela leitura de Stuart Mill. A colônia britânica, nessa interpretação, seria um caminho para a Inglaterra escapar da lei dos rendimentos decrescentes da terra e ao mesmo tempo diminuir as pressões populacionais. Qual seria a preocupação da Coroa espanhola no caso de suas colônias? Alberdi responde com pessimismo (ALBERDI, 1934, p. 97 – 98):

España conquistó y pobló a la América por haberla descubierto y ser como su casa, no porque necesitase desminuir su población propia, que era pequeña respecto de su suelo propio, sobrado grande para su población, como lo es hasta hoy mismo. (...)

Mal poblada, porque lo fué por una nación despoblada ella misma por una guerra de ocho siglos, recibió en herencia orgánica la ignorancia y el desden al trabajo; el odio a la fe disidente; el amor a la adquisición del oro sin trabajo; el error de que tener menas era ser rico, con tal de tener esclavos para hacerlos trabajar; el error de que extender los dominios, es decir, el suelo de la corono, era extender su poder y grandeza; el odio a todo extranjero disidente en religión; su comercio y trato, mirado como crimen peligroso para la seguridad de la tierra; el aislamiento como principio de existencia social y garantía de seguridad contra la condición del extranjero; lo prohibición de todo comercio con el extranjero y entre la colonias mismas; la falta de caminos, de puentes, de puertos, hechos inaccesibles por sistema de gobierno

(...) el abandono de las tierras orientales de Sud América, que veían la agricultura, el pastoreo y el comercio excluidos y prohibidos, por sistema, para seguridad de la colonia; el temor al trabajo como causa de enriquecimiento, y a la riqueza del país como causa de independencia y libertad; el cultivo de la ociosidad agradable, como causa de pobreza, es decir, de impotencia y dependencia.

Para Alberdi, a independência foi uma oportunidade de superação dessa situação e por algum tempo aproveitado, porém frustrado pelos acontecimentos históricos (ALBERDI, 1934, p. 112 – 113):

La más rica parte de América, abierta de ese modo al comercio del mundo por una revolución fundada en la libertad de trato y de comercio con todas las naciones, produjo, naturalmente, las más grandes expansiones y determinó un movimiento de confianza, que se tradujo en empresas europeas de todo genero en el Nuevo Mundo, abierto a sus especulaciones.

Fué el tiempo de los primeros empréstitos, para cooperar a la independencia y hacer fomentar el progreso material; de la formación de grandes compañías para explorar las minas y otros productos naturales en que Sud América es más rica que la China; para funda bancos y casas de comercio.

(...)

No bien empeñado en ese terreno, el mundo se apercibe que se el Gobierno español colonial ha cesado de existir en Sud América, el nuevo Gobierno americano no existe todavía con bastante solidez para dar la paz; y que la ausencia de todo Gobierno real determina un estado de anarquía general inconciliable con la seguridad y reposo, sin los cuales todo comercio es imposible.

Alberdi referia-se à anarquia Argentina representada pelo conflito entre os unitários e os federais e que teria resultado de forma mais trágica na ditadura do Governo de Rosas, conforme brevemente discutido no *contexto* deste artigo. Para Alberdi, a derrubada de Rosas teria representado uma nova oportunidade para a Argentina. Seria uma possibilidade de construção de uma nação em bases mais democráticas, dentre outras questões previstas em *Bases*. Entretanto, mais uma vez essa instabilidade institucional se revelaria pela recusa da cidade de Buenos Aires em compartilhar o poder e as receitas aduaneiras com as demais províncias. É essa a análise que Alberdi tenta realizar ao longo do capítulo V de *Estudios* e que podemos perceber pela leitura da citação a seguir: (ALBERDI, 1934, p. 179):

La división política entre federales y unitarios, entre Buenos Aires y las provincias, que ha llenado la vida moderna de ese país, en una mera cuestión de aduanas, en que sus habitantes disfrutaban el producto de esa contribución, que las provincias todas pagan en el puerto de Buenos Aires, y por cuya razón geográfica, pretende Buenos Aires apropiárselo en virtud del sistema federal, entendido como división y autonomía local, para lo que es el goce de esa entrada fiscal, si dividirlo con las demás.

Essa já era uma questão exaustivamente tratada em obra anterior intitulada *Sistema Económico y Rentístico de la confederación argentina según su constitución de 1853*, publicada originalmente em 1853. Nessa obra, Alberdi defendia a criação de um Estado a partir da utilização das receitas provenientes das atividades portuárias. Esse Estado teria como objetivo a implantação das diretrizes previstas na Constituição de 1853 (ALBERDI, 1921, p. 21). Durante toda sua vida, Alberdi defendeu os princípios que havia escrito em *Bases*. Por razões históricas, sua leitura sobre a aplicação desses princípios em *Estudios* é pessimista. Alberdi não apenas não conseguiu presenciar uma distribuição mínima de recursos necessária ao desenvolvimento de sua nação como viveu os mais bárbaros conflitos de sua época. Em *Estudios*, considerava que o resultado dessa situação teria sido um estado de pobreza em que todos teriam perdido, inclusive Buenos Aires (ALBERDI, 1934, p. 178):

El empobrecimiento, que es su resultado lógico y natural, pesa y pesará sobre Buenos Aires, su promotor, mas que contra el resto de la provincias, porque es la que más tiene que perder, por el *statu quo*, y la que mas tendría que ganar con el establecimiento de un orden nuevo y regular de cosas.

Qual teria seria a nova ordem segundo Alberdi? Uma divisão mais democrática de poder entre Buenos Aires e as províncias e que teria resultado numa menor tensão social e, conseqüentemente, em menores conflitos. Surge, nesse ponto, as desavenças do autor com aquele que tinha sido seu aliado no passado, o intelectual e agora político Domingos Faustino Sarmiento.

Para Alberdi, com a queda do Governo de Rosas, a Argentina perderia a oportunidade do progresso econômico pelos erros de conduta dos governos de Bartolomé Mitre e Sarmiento (ALBERDI, 1934, p. 173):

Como el gobierno caído en 1852, sus restauradores de años más tarde, han ocupado el país en guerras de gloria y de libertad, que lo han despoblado y empobrecido, como antes, dejándolo cargado de deudas

(...)

Las guerras de gloria, de libertad, de moral, contra el Paraguay y Entre Ríos, originaron nuevos empréstitos interiores levantados por emisiones de papel-moneda, el empréstito inglés de diez millones de pesos, de 1868, y gran parte de la inversión que recibió el mismo empréstito de los treinta millones, de 1871.

Mitre ocupou o cargo de Presidente da Nação Argentina entre 1862 e 1868. Representante do Partido Unitário e dos interesses de Buenos Aires, foi personalidade política importante a partir da década de 1860. Também foi importante escritor e historiador. Teve a infelicidade de dar início à Guerra do Paraguai em 1865. Sarmiento ocupou a presidência entre 1868 e 1874, tendo sido encarregado de encerrar o mesmo conflito. Ainda que a leitura da citação de Alberdi e a discussão aqui colocada sejam insuficientes para analisar a Guerra do Paraguai, o fato é que essa Guerra foi impopular não apenas no meio da sociedade argentina, mas entre intelectuais da época.²³ Existe a interpretação de que essa guerra poderia ter sido evitada se Mitre tivesse mantido a sua neutralidade diante das disputas entre Solano Lopes e Don Pedro II, o que talvez fosse impossível diante da disputa entre federais e unitários na Argentina.²⁴ Alberdi não perdeu a oportunidade de denunciar os equívocos cada vez mais evidentes dos unitários. Para Alberdi, depois da recusa de Buenos Aires em compartilhar as receitas aduaneiras do porto, viria o pior equívoco: uma guerra cara e impopular, iniciada e conduzida por governos do partido unitário. Ou seja, a *barbárie* que tanto

²³ A bibliografia apresenta algumas das principais referências sobre a Guerra do Paraguai.

²⁴ Sobre esse ponto, ver Bethell, 1995.

Sarmiento denunciou em sua obra *Facundo* continuava após a queda de Rosas, pelo menos sob o ponto de vista da maioria, dos perdedores. Alberdi procurou denunciar, ao longo de sua vida, seu ponto de vista contrário a esses conflitos. Em *Estudios*, utilizou argumentos econômicos para tal propósito. Os conflitos oneravam as receitas públicas, desperdiçavam recursos materiais e humanos, dificultavam a criação de instituições estáveis e inibia a imigração européia. Alberdi era um pacifista e em *Estudios* reforçou isso pelo seu lado econômico (Alberdi, 1934, p. 176 - 177):^{25 26}

La guerra es la destrucción de la fortuna, la abdicación del trabajo, la fuente de las deudas, la causa de las crisis.

No es preciso salir de la historia argentina para encontrar la prueba de esto.

La República Argentina debe hoy cien millones de pesos fuertes. - ¿En qué ha gastado ese dinero? En comprar glorias y laureles, que no excluyen la pobreza, es decir, la humillación y el descrédito del que no tiene pan, ni puede pagar lo que debe.

Esa deuda viene de sus guerras, originadoras de los empréstitos aplicados a la obra de destrucción, aunque contraídos aparentemente para la obra de creación y desarrollo.

(...)

El empréstito de treinta millones levantado por la nación, para construcciones y obras de progreso, fué empleado, en gran parte, en las destrucciones gloriosas y liberales del Paraguay y de Entre Rios, por las guerras hechas contra López y Urquiza, los iniciadores del vapor, del telégrafo, de la colonización, de la libre navegación fluvial, mientras los indios eran dejados en posesión del Sud.

Uma importante consideração pode ser feita com a leitura dessa última citação. Além do fato da guerra em si ter sido a barbárie para os perdedores e para a população civil em uma época de privações em uma região sem Estados nacionais consolidados, Alberdi parecia considerar esse conflito como um afronta aos princípios liberais ao mesmo tempo em que reconhecia os progressos realizados pelo Paraguai antes da guerra. Essa é uma leitura que pode ser encontrada nas interpretações contemporâneas sobre o momento histórico daquele país no período que antecede o conflito.²⁷ A partir da frase final da citação, percebemos que nosso autor não esteve imune ao preconceito racial da época. Em um mundo dominado pelo conflito de raças do século XIX, os índios selvagens das planícies da Patagônia acabaram ficando excluídos desse debate. Ainda assim Alberdi, ao considerar os caudilhos e explicitar sua opção partidária pelos Federais, aceitou a cultura mestiça do interior argentino, mesmo que tenha passado boa parte de sua vida na Europa e, de fato, em uma época contaminada pelo preconceito, Alberdi é considerado por muitos como um dos defensores de uma nacionalidade com raízes no interior do país.²⁸

Interessante a denúncia que Alberdi faz à atitude de irresponsabilidade da Europa frente à situação da Guerra do Paraguai (ALBERDI, 1934, p. 121):

Pero ahí no se acaba la responsabilidad de la Europa en las crisis de Sud América. Sus especulaciones no sólo han sido imprevisoras, sino culpables en los casos en que sus especulaciones no sólo han sido imprevisoras, sino culpables en los casos en que sus especuladores han promovido y ofrecido empréstitos, contando precisamente con la ignorancia de los americanos, que recibían prestado, y de los prestamistas europeos, que tal mal conocían las condiciones económicas de Sud América.

La mala especulación europea, ligada con la mala especulación americana, promovieron empréstitos hechos para empresas de guerras, que devoraron caudales sin cuento, y mataron el trabajo diezmándole sus brazos y poniéndolo bajo el yugo de impuestos agobiantes, que el pago de los empréstitos imprudentes hacía necesarios.

²⁵ O conflito de Entre Rios diz respeito à rebelião liderada pelo General Ricardo López Jordán, na Província de Entre Rios. Esse levante foi realizado em 1870 contra Urquiza e foi fortemente reprimido por Sarmiento.

²⁶ Se bem que alguns ganhavam com a guerra, como os produtores de alimentos e couros para os exércitos, ou seja, os pecuaristas. Sob esse ponto, ver Doratioto (2007, p.463)

²⁷ A referência clássica fica por conta de Pomer (1980), cuja edição original é do espanhol.

²⁸ Essa leitura pode ser encontrada em Shumway (2008)

Aqui Alberdi culpa mais uma vez a Europa pelos males da América. Agora não a Espanha como colonizadora. Seriam os empréstimos externos tomados pela Argentina para o financiamento da Guerra do Paraguai. Alberdi se referia aos empréstimos ingleses e talvez estivesse denunciando uma perversa relação de endividamento. Essa relação, aliás, viria a ser destacada pela historiografia contemporânea, ainda que sem consenso formado em torno da questão.²⁹ Curiosa a interpretação sugerida por Alberdi às motivações para a Guerra do Paraguai (ALBERDI, 1934, p 149 - 150):

Restablecida y conservada la división en que vivían los intereses económicos de la República Argentina hasta la caída de Rosas, en dos gobiernos, dos créditos, dos tesoros, dos presupuestos, dos fiscos rivales y antagonistas - en el seno mismo de la unión escrita, normal y aparente, - cada uno quiso ser más grande en la escala de sus recursos y en el tamaño de sus gastos y empresas, usadas y acometidas por vía y como medios de poder y de gobierno, supletorios del que les faltaba a uno y otro por la división sorda, pero real, que los debilitaba radicalmente en medio de la unión aparente y de la riqueza ajena.

De esa división de los intereses y de las instituciones económicas, surgieran las guerras del Paraguay y de Entre Ríos, que no eran más que motivos y razón de ser de los empréstimos ingleses levantados por los presidentes Mitres y Sarmiento, y de las emisiones de papel moneda y empréstimos ingleses levantados por el gobierno provincial de Buenos Aires, rueda que hacía mover a las otras en su sentido dominante.

Ainda que mais uma vez deve-se destacar que a obra de Alberdi não seja suficiente para que possamos concluir sobre as causas da Guerra do Paraguai, o fato é que esse conflito não pode ser analisado sem que consideremos o contexto das disputas políticas e econômicas presentes na Argentina do século XIX.

Cabe enfatizar que a Argentina é muitas vezes lembrada por ser um país irresponsável no que diz respeito ao seu endividamento externo. Alberdi tem sido muitas vezes considerado por alguns nacionalistas como um dos arquitetos da defesa de uma política de endividamento irresponsável.³⁰ Uma leitura mais atenta da obra do autor, entretanto, mostra uma postura exatamente contrária a essa irresponsabilidade. *Estudios*, aliás, é um texto que em várias partes aborda a questão da responsabilidade no uso do crédito. Preocupava-se Alberdi com o uso produtivo dos recursos. Ainda que não tenha conseguido organizar as idéias como um economista clássico de sua época, tentou expressar sua preocupação com o bom uso dos recursos produtivos escassos em seu país.

Apesar de avançar em vários temas econômicos, pois, ainda que à distância, Alberdi procurou acompanhar os acontecimentos em seu país e ao que consta em uma das suas principais bibliografias, não parou de exercer o ofício de escrever e ler os economistas e filósofos de sua época.³¹ Nessa trajetória, Alberdi mantém sua ideologia liberal (ALBERDI, 1934, p. 91):

La economía política de la América de Sud – expresión de su revolución moderna contra el viejo régimen colonial de reclusión y de aislamiento en que la mantuvo España durante su dominación de siglos – debe favorecer, sobre todo, al comercio internacional y a la industria rural y agrícola, cuyos productos alimentan ese comercio llamado a poblarla; a convertir en riqueza fabril de la Europa; a formar su tesoro por la aduana; su crédito público por su tesoro así nacido; y a formar, con los hombres y cosas traídos del mundo más civilizado, la civilización propia de Sud América.

Mantém também a idéia da necessidade da estabilidade institucional como forma de alcançar o progresso econômico (ALBERDI, 1934, 92):

Todo el favor que le pide la industria rural y agrícola de sus campanas es la seguridad de la vida y persona de sus trabajadores y del producto de su trabajo. – La riqueza del estanciero es la riqueza del

²⁹ Aqui, o debate fica por conta da hipótese proposta por Dorarioto (2007).

³⁰ Um exemplo mais notável dessa crítica pode ser encontrado em Irazusta (1963).

³¹ A biografia aqui citada é Mayer (1963), que também se constitui em importante referência para o estudo da história da Argentina.

país. – Y todo lo que sus ciudades le reclaman es la libertad y seguridad dadas a su industria favorita, que es el comercio. El comercio es la providencia del país.

Em *Estudios*, diferentemente de em *Bases*, já havia por parte da Alberdi a percepção de vantagem que as atividades rurais na Argentina possuíam. As terras férteis dos pampas conferiam uma vantagem na produção de determinados alimentos e produtos da pecuária. O comércio também era uma vantagem decorrente do porto de Buenos Aires. O potencial do Rio da Prata também foi percebido. O problema estaria na trajetória equivocada que teria impedido uma construção institucional adequada (ALBERDI, 1934, p. 96): “*Las crisis económicas por que pasan los países sudamericanos no tienen otra causa ni orígenes que la dirección que ha traído hasta aquí el movimiento político, formado por el movimiento de las ideas equivocadas de los hombres de Estado*”.

Enfim, Alberdi, ao interpretar os caminhos e os erros de conduta, buscou uma interpretação histórica para as causas da pobreza da Argentina e, de uma maneira geral, para a América Espanhola. A leitura de suas idéias pode ser interpretada de uma forma incômoda: os erros causados pelo processo de concentração do poder econômico e político na cidade de Buenos Aires.

Considerações finais

Alberdi não viveu para ver seu país prosperar no projeto liberal. Se olharmos o desempenho da economia argentina, perceberemos um exagero no pessimismo de Alberdi em *Estudios*. De fato, a Argentina intensifica seu processo de integração à economia mundial a partir da década de 1880. Inicia-se, então, a próspera produção de trigo e milho. Mais tarde, as técnicas de congelamento permitiriam a ampliação da pecuária bovina. Intensifica-se também a imigração européia, que alcançaria seu auge no decênio 1901-1910, com imigrantes provenientes da Itália e Espanha.³² A partir de então a Argentina entraria em uma fase de crescimento que, até a grande depressão, teria poucas comparações em sua época. As idéias de Alberdi seriam, enfim, implementadas, mas com contradições que levariam a Argentina a sucessivas crises econômicas e políticas. Alberdi talvez seja pouco lembrado sob o ponto de vista econômico por ter defendido um liberalismo que, no *final da história*, não deu certo. Mas, se prestarmos atenção em sua obra, indo além da simples noção de liberalismo, podemos perceber várias críticas ao próprio liberalismo e uma rica leitura da realidade latino-americana da época. Em primeiro lugar, não houve a disposição de Buenos Aires de se engajar em um projeto nacional de desenvolvimento, pelo menos no período em que se deu o processo de concentração da propriedade da terra. Preferiu manter sua hegemonia nas decisões acerca dos destinos das aduanas. Isso talvez tenha contribuído para concentrar mais ainda o poder e a renda no país. Segundo, a barbárie denunciada por Sarmiento em *Facundo* continuou na Argentina após a queda de Rosas. Para Alberdi, a Guerra do Paraguai e o conflito Entre Rios representaram desperdícios de recursos materiais e financeiros, além de terem provocado grande instabilidade institucional e adiado o processo de imigração e integração do país. Sem dúvida não podemos deixar de considerar que a Guerra do Paraguai mudou a história dos países que dela participaram. Alberdi percebeu a perversidade da situação em uma época em que muitos intelectuais defenderam o conflito, como Sarmiento. Mais do que isso, percebeu uma possível relação de cumplicidade entre a Inglaterra e a situação. Alberdi também utilizou conceitos importantes em sua análise e que até hoje são utilizados pela Ciência Econômica na análise do desenvolvimento econômico como o de *direito de propriedade e instituições*.

Conhecemos muito pouco sobre nossos economistas do passado. Este artigo teve como objetivo resgatar as idéias econômicas de um autor da América Latina do século XIX e lançar perguntas e idéias para a melhor compreensão da nossa história e das origens do pensamento econômico latino-americano. O estudo dessas origens é rico e merece ser lembrado, particularmente entre os economistas.

³² As informações desse parágrafo foram baseadas no excelente levantamento estatístico da época realizado por Díaz Alejandro (1970).

Bibliografía

ALBERDI, Juan Bautista. *Grandes y pequeños hombres Del Plata*. Editorial Punto de Encuentro. Buenos Aires, 2007.

----- *Cartas sobre la prensa y la política militante de la República Argentina* (Cartas Quillotanas). Editorial Losada. Buenos Aires, 2004.

----- *Derecho Publico Provincial Argentino*. Ciudad Argentina. Buenos Aires, 1998.

----- *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Biblioteca Clásicos Argentinos, Buenos Aires, 1946.

----- *Fragmento Preliminar al Estudio del Derecho*. Libreria Hachette S.A. Buenos Aires, 1937

----- *Estudios Económicos: Interpretación económica de la historia política Argentina y Sud-americana*. Talleres Gráficos Argentinos L. J. Rosso, Buenos Aires, 1934.

----- *Sistema Económico y Rentístico de la confederación argentina, según su Constitución de 1853*. La Cultura Argentina, Buenos Aires, 1921.

BETHELL, Leslie (org.). *A Guerra do Paraguai: História e historiografia* (introdução). In *Guerra do Paraguai - 130 anos depois*. Rio de Janeiro, Relume Dunará, 1995.

----- *História da América Latina: da independência a 1870*. Editora Edusp/Fundação Alexandre Gusmão, São Paulo, 2001.

DÍAZ ALEJANDRO, Carlos F. *Ensayos sobre la historia económica argentina*. Amarrortu editores. Buenos Aires, 1973.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: uma história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2a. Edição, 2007.

FERRER, Aldo. *La economía Argentina desde sus orígenes hasta principios del siglo XXI*. Fondo de Cultura Económica, 3a. edición, Buenos Aires, 2004.

INGENIEROS, José. *Sociología Argentina*. Talleres Gráficos Argentinos L. J. Rosso y Cía. Buenos Aires, 1918.

INGENIEROS, José. *Evolución de las ideas argentinas (selección)*. Secretaria de Cultura de la Nacion en coproducción con Editorial Claridad. Buenos Aires, 1994.

IRAZUSTA, Julio. *Influencia Economica Britanica en el Rio de la Plata*. Editorial Universitaria de Buenos Aires. Buenos Aires, 1963.

- LAFFORGUE, Jorge (Ed.). *Historias de Caudillos Argentinos*. Extra Alfaguara, Buenos Aires, 1999.
- LYNCH, Jonh. *As Repúblicas do Prata da Independência à Guerra do Paraguai*. In BHETHELL, Leslie, 2001.
- MAYER, Jorge M. *Alberdi y su tiempo*. Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1963.
- POMER, Leon. *Apresentação à edição brasileira de Bases: Fundamentos da organização Política da Argentina de Juan Bautista Alberdi*. Editora da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, 1994.
- *Os conflitos da Bacia do Prata*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1979.
- ROMERO, José Luis. *Breve historia de La Argentina*. Editorial Abril S.A. Sexta Edición. Buenos Aires, 1984.
- ROCK, David. *Argentina: 1516 - 1987 - Desde la colonización española hasta Raúl Afonsín*. Alianza Editorial, 4a. Edición, Buenos Aires, 1994.
- SARMIENTO, Domingos Faustino. *Facundo* (Prólogo de Jorge Luis Borges). Grupo Editorial Planeta/Booket. Buenos Aires, 2007.
- SARMIENTO, Domingos Faustino. *Textos Seleccionados. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Organizador Leon Pomer. Coordenador: Florestan Fernandes. Editora Ática. São Paulo, 1983.
- SHUMWAY, Nicolas. *A Invenção da Argentina: a história de uma idéia*. Editora Edusp/Editora UNB, São Paulo, 2008.
- SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. Editora Abril Cultural: Coleção Os Economistas, São Paulo, 1983.